



O ASPECTO SOMBRIO DOS CIENTISTAS CONTEMPORÂNEOS: ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA FANTÁSTICO

Monica Martinez¹

Resumo

A imagem do cientista oscila entre o bom doutor Jekyll e o mau Mister Hyde (STEVENSON, 1998). No âmbito teórico da comunicação e da psicologia analítica, este trabalho investiga a existência da sombra nos cientistas contemporâneos a partir da análise da reportagem levada ao ar pelo *Fantástico* no dia 20 de outubro de 2013 sobre a invasão por ativistas no Instituto Royal, em São Roque (SP). O resultado sugere a imagem idealizada projetada pela mídia: cientistas seguros de si, articulados e cômicos de sua missão social. Contudo, o cientista também está imerso em questionamentos pessoais, profissionais, sociais, éticos e humanitários (MORIN, 1996). A sombra, portanto, faz-se presente, discreta, em manifestações como os gaguejos durante as entrevistas.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Programa Fantástico. Cientistas. Psicologia analítica.

Introdução

A visão científica possui um papel preponderante no mundo contemporâneo. Desde que as narrativas míticas passaram a conviver com o pensamento científico, na Grécia antiga, a investigação empírica do mundo ficou marcada pela abordagem lógica e racional, que resultaram no Iluminismo, na Revolução Científica dos séculos XVI e XVII e na valorização da visão científica contemporânea. Nesse contexto, o pensamento científico e, por consequência, os próprios cientistas, são extremamente valorizados na sociedade.

Contudo, a imagem do cientista parece continuar oscilando entre o Doutor Jekyll e Mr. Hyde, como sugere o livro *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (no Brasil, *O médico e o monstro*), publicado pelo escritor escocês Robert Louis Stevenson em 1886 (STEVENSON, 1998). Como qualquer ser humano, afinal, o cientista também está imerso

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Narrativas Midiáticas (NAMI) e co-coordenadora da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas da SBPJor. E-mail: martinez.monica@uol.com.br.



num mar de incertezas e questionamentos pessoais, profissionais, sociais, éticos e humanitários (MORIN, 1996).

Em alguns casos, essa imagem aparentemente dicotômica parece pender para um lado mais obscuro, manifestado literalmente em *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (no Brasil, *Frankenstein*), romance publicado pela escritora britânica Mary Shelley em 1818 (SHELLEY, 1997), em que o jovem cientista cria um "monstro". Esses aspectos *Hyde/Frankstein* parecem estar relacionados ao conceito de sombra da psicologia analítica. Este é, portanto, o objetivo principal deste trabalho: o de analisar o fenômeno da sombra nos cientistas contemporâneos. Partimos aqui da hipótese de que o cientista, como qualquer ser humano da atualidade, também possui um lado sombrio, com aspectos reprimidos – como eventualmente a concepção espiritual – e dons latentes – caso de uma forma ampliada de ver o mundo –, cuja melhor compreensão pode ser benéfica para a sociedade como um todo.

Para realizar esse estudo, fizemos uma revisão teórica sobre o tema na obra completa de Carl Gustav Jung, fundamentando o estudo com outros psicólogos junguianos, como Robert Hopcke, Connie Zweig e Jeremiah Abrams. Além disso, empreendemos uma profunda revisão de literatura das aulas ministradas no curso de Psicologia Junguiana do Instituto Junguiano de Estudo e Pesquisa (IJEP). Em adição, empregamos complementarmente, quando necessário, aportes teóricos de outras áreas do conhecimento, caso do mitólogo Joseph Campbell (1904-1987), do biólogo britânico Rupert Sheldrake e do filósofo francês Edgar Morin.

Em relação aos procedimentos metodológicos e técnicos, trata-se de uma pesquisa teórica, baseada em revisão de literatura. Para testar a hipótese da existência da sombra nos cientistas, a contraparte empírica do trabalho consiste na análise da reportagem levada ao ar pelo programa *Fantástico* no dia 20 de outubro de 2013 sobre a invasão por ativistas no Instituto Royal, em São Roque (SP). O método empregado é a análise de conteúdo na perspectiva francesa, de Laurence Bardin (2011), que estudo recente revelou ser a autora usada em quase 80% das pesquisas no âmbito do Intercom (MARTINEZ; PESSONI, 2014).

Como cientista da área de Comunicação, meu interesse nesse estudo é o de investigar os aspectos sombrios e velados nos cientistas na contemporaneidade. Responder essa pergunta é o que move essa pesquisa.



Breves reflexões sobre o pensamento científico

Desde a pré-história o ser humano busca a compreensão de si mesmo, do próximo, da sociedade na qual está inserido, da natureza que o cerca e, por fim, do universo. No início, este conhecimento era cultivado por meio das narrativas míticas. O mito teria quatro funções: a *pedagógica*, orientando o ser humano nas diferentes fases de seu ciclo biológico: nascimento, amadurecimento e morte; a *sociológica*, uma vez que apoia e valida a ordem de uma dada sociedade; a *cosmológica*, pois mostra como o universo funciona; e, finalmente, a *mística*, visto que abre o mundo para a dimensão do mistério, ao que transcende a lógica humana (CAMPBELL, 1990, p. 32).

Para o filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945), o "mito é não-teórico em seu próprio sentido e essência. Ele desafia e enfrenta as nossas categorias fundamentais de pensamento. Sua lógica – se é que tem alguma lógica – não pode ser medida por nenhuma de nossas concepções de verdade empírica ou científica." (CASSIRER, 1994, p. 124). Ou, como diz Jung, a “verdade é que os homens do passado não pensavam nos seus símbolos. Viviam-nos, e eram inconscientemente estimulados pelo seu significado” (JUNG et al, 2008, p.101).

Certamente muitas civilizações produziram conhecimento anteriormente, mas foram os gregos que produziram "um corpo lógico e sistemático de conhecimentos racionais (...), imprimindo essa tradição como marca do pensamento ocidental." (CHAUÍ, 2002, p. 24). Até hoje, a ciência, em sua concepção ocidental, empírica, é influenciada pelo pensamento de Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), cuja concepção formava o vocabulário comum e o quadro conceitual da maioria das universidades até o século XVI (GARBER, 2006, p. 26). Aristóteles propõe que a *epistème* (ciência) investiga os princípios e as causas de seres e coisas da natureza – que existem independentemente do ser humano – por meio do *métodos*, isto é, um procedimento predeterminado (CHAUÍ, 2002, p. 347).

Muito se tem debatido sobre ciência desde então, mas a questão do método, isto é, do caminho reconhecido pelos pares, permanece como um ponto central do pensamento científico. "Hoje a nossa necessidade é a de encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades." (MORIN, 1997, p.19).



Considera-se como marco da ciência o final da Idade Média e o Renascimento, com personalidades como os físicos e matemáticos italiano Galileu Galilei (1564-1642), francês René Descartes (1596-1650) ou inglês Isaac Newton (1643-1727). Não por acaso, essa fase da história que compreende os séculos XVI e XVII ficou conhecida como Revolução Científica.

O fato é que a palavra *cientista* não existia antes do século XIX e o termo francês equivalente, *scientifique*, só se tornou comum um século depois, de acordo com o historiador da ciência estadunidense Steven Shapin, atual docente da cadeira de História da Ciência de Harvard (SHAPIN, 2006, p. 179).² A definição descreve, de forma irônica, o cientista como "um nome pelo qual podemos designar os alunos de conhecimento do mundo material coletivamente ... um termo geral pelo qual estes senhores [da Associação Britânica para o Avanço da Ciência] poderiam descrever-se com referência a suas atividades "(WHALEY, 2003, p. viii).³ Prática associada às elites letradas, formada por homens com tempo, recursos financeiros, acesso a livros e bibliotecas, instrumentos e redes de comunicação com outros cientistas.

A Reportagem sobre o Instituto Royal no *Fantástico*

O embate entre ativistas dos direitos dos animais e o Instituto Royal, empresa privada de pesquisa farmacêutica, teve ampla cobertura midiática. O protesto, que já se arrastava desde o dia 12/10/13, teve como ápice a invasão da unidade localizada em São Roque (SP) em 18/10/13, sexta-feira, e culminou com o fechamento, 19 dias depois, da unidade paulista. O departamento de Jornalismo da Rede Globo noticiou o fato em praticamente todos os seus telejornais, sobretudo no estado de São Paulo. O programa *Fantástico* foi o escolhido para esta análise por três fatores:

² Um dos primeiros usos do termo cientista no idioma inglês, já no sentido moderno atribuído à palavra, foi feito em 1834 numa resenha escrita por William Whewell sobre a obra *On the Connection of the Physical Sciences*, de Mary Sommerville, publicada na *Quarterly Review*.

³ Do original: "One of the first published uses of the term 'scientist' in the English language in the modern, limited sense was in William Whewell's 1834 review of the Mary Sommerville's 'On the Connection of the Physical Sciences', in the *Quarterly Review*. His definition describes 'scientist' as "a name by which we can designate the students of knowledge of the material world collectively... a general term by which these gentlemen [of the British Association for the Advancement of Science] could describe themselves with reference to their pursuits" (WHALEY, 2003: viii).

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

1) O fato de ser um programa exibido em horário nobre e com grande audiência para o padrão pulverizado da mídia atual: 19 pontos em outubro de 2013 segundo o IBOPE/ Média Workstation. Cada ponto representa 62 mil domicílios na Grande São Paulo.

2) Desde seu lançamento em 1973 – portanto há mais de quatro décadas –, o programa tem tradição na cobertura de ciência e tecnologia. "Além de frequentes, temas de C&T receberam destaque no dominical da TV Globo: um percentual relevante de matérias foi objeto de chamadas de abertura." (MEDEIROS; RAMALHO; CALDAS; MASSARANI, 2013, p. 138).

3) Finalmente, devido à constatação de que esta revista dominical traz cobertura mais ampla do que os telejornais diários dos eventos entendidos por seus editores como os mais importantes da semana. "As matérias de Ciência veiculadas no *Fantástico*, por conta do próprio perfil do programa, foram em média mais longas do que a média observada em programas noticiosos por diversos estudos." (MEDEIROS; RAMALHO; CALDAS; MASSARANI, 2013, p. 139).

A partir dessa escolha, procedemos à análise a partir das categorias temáticas identificadas nos artigos publicados por cientistas da área de Comunicação na fase I da pesquisa (MARTINEZ, no prelo)⁴, que consiste nas seguintes oito esferas: 1) predomínio da visão positivista; 2) imagem idealizada; 3), a questão de gênero; 4) a ciência como missão; 5) universal e objetiva; 6) compartilhamento como função social e não mercadológica; 7) ciência se faz por amor; 8) ceticismo como força motriz; e 8) diálogo com a imprensa.

Para fins de descrição, a reportagem exibida no dia 20 de outubro de 2013, com duração de 8'24", é conduzida pelos apresentadores do *Fantástico*, Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt. Ela começa estabelecendo a relação entre a cidade e São Roque (1295-1327), o santo da Igreja Católica, que, contaminado pela lepra, teria se isolado numa floresta e perecido se, segundo a lenda, um cão não lhe tivesse levado diariamente um pãozinho.

⁴ Em janeiro de 2014 foi feito levantamento dos trabalhos no Portcom – *Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação* – que disponibiliza a produção científica até então dos 37 anos do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). A busca pela palavra-chave 'cientistas' e/ou 'cientista' revela nove registros entre os 18 235 trabalhos apresentados em eventos. Deste total, excluindo-se um trabalho apresentado ao Intercom Júnior, destinado a estudantes de graduação e recém-graduados, o corpus dessa análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011) foi de oito trabalhos.

V^{com}Mcult

o que custa o virtual?

A narrativa televisiva segue apresentando o conflito: cenas da invasão, realizada ao redor da 1h da sexta-feira, 18/10/2013. Mesclam-se, aqui, imagens de chão de laboratório cheio de fezes, cãesinhos da raça Beagle e jovens ativistas, apresentados nesse momento como os salvadores dos 178 animais. O interessante é que, aqui, não é a imagem divina e solar do homem, corrompida pelo pecado, que é resgatada, mas, aparentemente, o lado obscuro e não desenvolvido da própria personalidade. Quem faz a tentativa de resgate são jovens ativistas entusiasmados. Em grego, *enthousiasmós* significa 'transporte divino', uma vez que *theós* quer dizer Deus. (HOUAISS, 2015).

Seguem-se imagens da continuidade dos protestos, no sábado, dia 19 de outubro, que terminou com lançamento de gás pelos policiais, que tiveram veículos incendiados. Os conteúdos sombrios, ameaçadores, evidentemente não são aceitos sem lutas pelo consciente.

Além das imagens, há nesse momento depoimentos de ativistas, advogados e indivíduos que "adotaram" os cães. Essa contraparte seria, na terminologia campbelliana, chamada de aliados (MARTINEZ, 2008). Contudo, ela claramente apresenta os ativistas agindo não pela razão, mas pela emoção – no que são apoiados midiaticamente por imagens que evocam juventude, invasões, sujeira, correria e o salvamento de belos animais em situação de risco. A partir dessa leitura, os aliados nessa tarefa integrativa da personalidade conteriam em si, igualmente, elementos não totalmente domesticados pelo consciente.

A seguir são mostradas entrevistas feitas com três cientistas: a gerente da unidade, Silvia Ortiz⁵, o diretor científico da unidade, João Antônio Henriques, e Marcelo Moraes⁶, biofísico do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do CONCEA (Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia responsável pelo credenciamento das pesquisas com animais no país. Não há emoção aqui. Os cientistas são representados pela postura serena, pelo discurso lógico, racional e extremamente articulado, que explica os porquês, como a necessidade do uso dos animais para a liberação dos medicamentos que beneficiam a população.

⁵ Neste trabalho, suas falas foram identificadas como cientista 1 ou C1.

⁶ Neste trabalho, suas falas foram identificadas como cientista 2 ou C2.



A reportagem é encerrada com o alerta jurídico de que a receptação de animais roubados é considerada crime e com a notícia de que os dois primeiros cachorros, abandonados na rua, haviam sido recuperados pela polícia. É como se fosse um mapa dentro de uma garrafa jogada ao mar. Se no início a reportagem subliminarmente sugeriu que é possível a integração, agora ela aponta os riscos para quem ousa percorrer esse caminho: ser penalizado pelas normas vigentes ou ficar à deriva por ter sido apartado de seu grupo social.

A imagem do cientista na visão da mídia

A partir da chave identificada na maior comunidade científica comunicacional latino-americana, a Intercom (MARTINEZ, no prelo), discutimos agora como essa imagem do cientista é representada na mídia contemporânea brasileira usando como principal aporte a noção de sombra da psicologia junguiana (JUNG, 2012, OC 8/2, § 409). Do ponto de vista conceitual, a persona e a sombra são polaridades do ego. "A persona é o polo mais construído; a sombra é o polo mais escondido, onde escondemos esqueletos no armário", diz Waldemar Magaldi (2013a):

[...] A sombra pessoal desenvolve-se naturalmente em todas as crianças. À medida que nos identificamos com as características ideais da personalidade (tais como polidez e generosidade) que são encorajadas pelo nosso ambiente [...]. Ao mesmo tempo, vamos enterrando na sombra aquelas qualidades que não são adequadas à nossa autoimagem, como a rudez e o egoísmo. O ego e a sombra, portanto, desenvolvem-se aos pares, criando-se mutuamente a partir da mesma experiência de vida. (ZWEIG; ABRAMS, 2012, p. 15-16).

A sombra pode conter aspectos traumáticos, conteúdos reprimidos, conteúdos não armazenados no consciente, dores não desenvolvidas, aspectos tidos como imorais, desejos considerados socialmente vergonhosos, mas não é feita apenas de elementos negativos. "Reconhecer a sombra significa reconhecer nossa imperfeição", explica Magaldi (2013a).

Contudo, a sombra também guarda os tesouros da personalidade. "Muitas vezes pode ocorrer de as qualidades positivas da personalidade terem sido reprimidas, ou porque as condições externas foram desfavoráveis ou porque o próprio ego as desprezou", afirma o psicoterapeuta junguiano Luiz Paulo Grinberg (GRINBERG, 1997, p. 149). Por isso, seria em nossa sombra que estariam guardadas as ferramentas e os tesouros necessários ao



desenvolvimento de nossa personalidade. "Ao ser confrontada, a sombra diminui seu poder e seu tamanho e pode tornar-se uma força positiva, um aliado." (GRINBERG, 1997, p. 150). Ao ser integrada, a energia pode ser restituída ao ego.

Contudo, quanto menos consciência o indivíduo tem da própria sombra, mais negra e densa ela é. Se reprimida ou negada, "continua a operar nos bastidores, causando todos os tipos de comportamento neuróticos e compulsivos" (HOPCKE, 2012, p. 96). Nós "também podemos projetá-las sobre outros, atribuindo a outras pessoas aquelas qualidades sórdidas e repugnantes que nós gostaríamos de negar em nós mesmos. A projeção da sombra pode, com isso, resultar em paranoia, suspeição e falta de intimidade" em nível individual e relacional (HOPCKE, 2012, p. 96). Denegada, pode irromper em um momento de inconsciência.

Os relatos psicoterápicos junguianos sugerem que o processo de individuação começa pela tentativa de conscientização dos conteúdos sombrios. Se o consciente é formado por ego e persona, o inconsciente coletivo seria formado pelos arquétipos, já explicados, mais ligados à esfera espiritual. E pelos instintos, mais ligado à contraparte biológica, como os instintos autopreservativos e a sexualidade. Por representar conteúdos compartilhados por toda humanidade (MAGALDI, 2013), ele seria a plataforma que, na perspectiva analítica, daria suporte e amplificaria a representação midiática da imagem do cientista, que é alvo deste estudo de caso.

Predomínio da visão positivista

A reportagem é claramente dicotômica, uma vez que apresenta os ativistas agindo pela emoção – apoiados por imagens que evocam juventude, invasões, sujeira, correria e o salvamento de belos animais em situação de risco. Já os cientistas são representados pela postura serena, pelo discurso lógico e articulado, que explica os porquês, como a sujeira e a necessidade do uso dos animais para a liberação dos medicamentos que beneficiam toda a população. Como diz o biólogo britânico Rupert Sheldrake, o conhecimento científico – mentalidade que apoia a ação humana sobre a natureza – está justificado no pensamento ocidental a partir da interpretação do Gênesis bíblico, quando Adão recebe de Deus a incumbência de nomear os animais. Segundo ele, como na época do filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), quando o Estado e a Igreja eram unidos na figura do Rei da Inglaterra,



hoje "Não há nenhuma separação da ciência e do Estado. Os cientistas desempenham o papel de sacerdotes, influenciando as políticas do governo, as artes da guerra, indústria, agricultura, medicina, educação e pesquisa⁷." (SHELDRAKE, 2012, p. 13, tradução nossa). É o que ocorre na reportagem, com a anuência discursiva entre os cientistas e o representante do governo (Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal). A visão positivista não acata nenhum conhecimento que não seja "científico", relegando-os ao campo das crenças e superstições. Para Jung, a psicologia por muito tempo foi igualmente considerada como algo alheio ao campo científico. Contudo, "não se trata da substância desses complexos, mas sim da experiência psíquica. Não há dúvida de que esses conteúdos psíquicos podem ser experimentados, e sua autonomia é indubitável (JUNG, 2012, OC 13, §47).

Imagem idealizada

O cientista, aqui, é visto como um ser racional, que trabalha num laboratório asséptico, donde as imagens de computadores quebrados e chão cheio de fezes da reportagem parecem heréticas, uma invasão a um templo sagrado, o da ciência. As imagens dos três cientistas, bem vestidos, em *tailleur* (mulher) e terno e gravata (homens) – como se paramentados para um ritual importante – contrapõem-se à dos ativistas, desgrehados e com roupas casuais. Somado ao discurso lógico, os cientistas são representados como parte de uma elite. Já as falas dos ativistas são ligadas à emoção do conflito ou à empatia com os animais.

Ressalta-se, assim, a leitura dicotômica na representação midiática. Aos olhos do ativista o cientista assume o papel de monstro, isto é, do Mr. Hyde no clássico do escritor escocês Robert Louis Stevenson (STEVENSON, 1998) ou da sombra na terminologia junguiana (JUNG, 2012, OC 8/2, § 409). Um dos cientistas (C1) se defende desse estereótipo ao afirmar: "Nós não somos como as pessoas estão dizendo, matadores de cães, matadores de animais. Nós não somos estes monstros". (FANTÁSTICO, 2014). Já a reportagem os apresenta como o correto Dr. Jeckyll, empenhado no avanço científico.

⁷ Do original, livremente traduzido pela autora: "There is no separation of science and state. Scientists play the role of an established priesthood, influencing government policies, on the arts of warfare, industry, agriculture, medicine, education, and research." (SHELDRAKE, 2012: 13).



A questão das relações de gênero

Embora a revisão de literatura apresente a ascensão do feminino no universo científico, a proporção de cientistas na reportagem do *Fantástico* é de uma mulher para dois homens (1:2). Ressalta-se que entre o cientista do gênero masculino e do gênero feminino do Instituto Royal entrevistados, a mulher tem posição hierárquica inferior (gerente vs. diretor), o que é representativo do fenômeno contemporâneo conhecido como *teto de vidro*: há mais mulheres no mercado, porém os cargos mais altos e melhor remunerados ainda são ocupados com mais frequência por lideranças masculinas. "O que atua psiquicamente de modo mais intenso sobre a criança é a vida que os pais e os antepassados não viveram" (JUNG apud ANTONIOLLI, 2013). Nesse sentido, e considerando a questão do feminino ferido, isto é, as tensões psíquicas resultantes do processo de implantação da cultura patriarcal no Ocidente a partir da Grécia antiga, pode-se dizer que há uma grande sombra coletiva pairando sobre a mulher contemporânea, visto que ela herda essa "missão" de tentar compensar as experiências não vividas no nível familiar, de cerca de quatro gerações anteriores de mulheres de sua família. Além disso, herda também a "missão" de curar as feridas coletivas das mulheres como um todo. Essa missão ocorre num mundo guiado por uma visão ainda progressista e altamente tecnológica, em que para ser bem sucedida a mulher na maioria dos casos precisa assumir uma postura mais masculina, individualista e assertiva. Não bastassem esses desafios, há também os conteúdos sombrios do parceiro projetados sobre ela: "a mulher se acha justamente na sombra do homem, e ele pode facilmente confundi-la com essa sombra. E quando tenta reparar esse equívoco, acaba supervalorizando a mulher e achando que ela é a coisa mais desejável do mundo (JUNG, 2012, OC 10/3, §236).

A ciência como missão

A imagem do cientista, a partir do programa, é a de um profissional que está consciente de seu papel social de trabalhar por uma vida melhor e mais longa para a humanidade. Essa mentalidade está sintetizada na fala do cientista 1: "a população tem de entender que o que fazemos ali é em benefício da própria população." (FANTÁSTICO, 2014). O cientista prossegue: "Quando uma pessoa sente uma dor de cabeça ela vai à farmácia



e toma, compra um remédio. Agora como esse remédio chegou até à prateleira?". (FANTÁSTICO, 2014). Essa constatação pode ser um sinal de que, na sombra do cientista, estejam imagens arcaicas de xamãs, curandeiros, magos, profetas e sacerdotes. Como pondera Jung: "As experiências de doença, tortura, morte e cura do xamã contêm, num estágio superior, a ideia de sacrifício, de reconstituição da totalidade, de transubstanciação e de elevação do homem à condição de ser pneumático; numa palavra, a ideia de *apotheosis*" (JUNG, 2012, OC 11/3, §448).

Universal e objetiva

A concepção de ciência regida por princípios universais é encontrada na fala do cientista 2: "O Beagle é utilizado como padrão internacional. E ele tem uma similaridade muito grande com o funcionamento do organismo humano." (FANTÁSTICO, 2014). Como explica o sociólogo francês contemporâneo Bruno Latour: "Poucos cientistas sociais chegam à conclusão extrema de que tanto o objeto quanto a metodologia das ciências sociais devam, em consequência, ser modificados. Após inúmeras decepções, eles ainda esperam alcançar algum dia a terra prometida de uma ciência verdadeira que explique um mundo social real" (LATOURE, 2012, p. 19). A sombra, aqui, estaria ligada à falta da noção de limites do ego, à identificação com a onisciência divina. Não por acaso isso ocorre numa era representada pelas patologias do vazio. "Os deuses deixaram de visitar os homens e se tornaram doenças – e com elas agora visitam os homens (JUNG apud MAGALDI, 25 out 2013b).

Compartilhamento como função social e não mercadológica

Talvez resida aqui, de fato, a grande polêmica que envolve o conflito entre ativistas e pesquisadores, embora seja subliminar e não exposto na reportagem. O fato de se tratar de experimentos feitos por e para companhias privadas, que lucrarão com a venda de produtos, no caso medicamentos. Esse questionamento é representado em filmes como *O Jardineiro Fiel* (2005), entre outros, e evocam uma tensão entre o ideal de pesquisa presente no imaginário popular e a necessidade de financiamento que é parte da prática científica. De toda forma, posteriormente à exibição da reportagem, instituições públicas que não estão diretamente ligadas ao comércio dos resultados, como o Instituto de Biofísica Carlos Chagas



Filho (IBCCF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde trabalha o cientista 2, também foram alvo de ameaças de ativistas devido ao uso de cobaias. Como diz Sheldrake:

[...] O interessante é que na Grã-Bretanha e nos EUA vários pensadores do governo e da política estão muito preocupados com o que eles chamam de o déficit de inovação: não há novas descobertas. Apesar de mais e mais gastos em ciência, há uma diminuição do retorno dos investimentos. Se você pensar sobre os grandes avanços que mudaram o mundo – a penicilina, a internet, aviões a jato, telefones celulares e assim por diante, todos foram baseados em descobertas feitas décadas atrás. Quais verdadeiros avanços podem ser apontados nos últimos 20 anos? Temos o sequenciamento de DNA, o projeto DNA, mas ele não nos levou muito longe e de alguma forma foi baseado em tecnologias anteriores. (SHELDRAKE, 2013).

É caro fazer ciência e, no caso brasileiro, ou se obtém subsídios de agências de fomento ou o cientista acaba ofertando seu próprio dinheiro ou tempo para realizá-la.

Ciência se faz por amor

Como extensão do item anterior, há a noção subjacente de ser antiético realizar investigações científicas exclusivamente por dinheiro ou posição social, sobretudo se elas envolverem sofrimento à outras espécies, caso dos Beagles. Contudo, na reportagem, as falas relativas à empatia não estão associadas aos cientistas, mas aos ativistas, que agem, ainda que de forma impulsiva, motivados pelo amor pelo que é considerado o melhor amigo do ser humano. A tensão faz dos ativistas – atores neste jogo social – parte integrante da engrenagem científica. Como exemplo, animais não são mais usados em testes para o desenvolvimento de produtos na indústria cosmética.

Ceticismo como força motriz

A dúvida dos resultados próprios e alheios não pode ser inferida da reportagem do *Fantástico*. Antes, os cientistas são representados como convictos de sua missão e cientes de que fazem todo o possível para ajudar a humanidade, neste caso no segmento da saúde e bem-estar. Ainda que entendam – e talvez até desejem pessoalmente – que métodos como o uso de cobaias possa vir a ser alterado no futuro. Como fica caracterizado na fala do cientista 2: "Todos os medicamentos que temos nas prateleiras foram testados em animais. (...) Substituir



o cão, quem sabe no futuro a gente consiga não mais utilizar. Mas a gente está muito longe disso". (FANTÁSTICO, 2014).

Diálogo com a imprensa e sociedade

Apesar de os cientistas se apresentarem seguros, é evidente que tanto eles como os ativistas estão apreensivos durante a realização das entrevistas. O cientista 1, por exemplo, em dado momento, literalmente gagueja "(...) é para o benefício da própria po-população (...)" (FANTÁSTICO, 2014). O interessante é que a palavra gaguejada, em particular, representaria, do ponto de vista psicológico, um ato falho que poderia revelar o questionamento profundo, inconsciente, do próprio cientista sobre o que está fazendo. Afinal, quem é o principal beneficiário destes testes? As empresas farmacêuticas? O instituto privado de pesquisa? Os pesquisadores, que recebem salários ao final do mês, em contraponto à premissa de que o cientista não deve estar preocupado com o interesse pessoal, mas o humanitário? No entanto, as referências ao problema de comunicação com a sociedade não é evidenciado nesta reportagem. Ao contrário: os cientistas se comunicam muito bem, em linguagem de fácil compreensão.

Considerações finais

Esse estudo sugere que a imagem conscientemente projetada do pesquisador pela mídia – e que talvez a que o próprio cientista aprecia ver de si mesmo – é a do missionário da ciência, que trabalha incansavelmente por uma vida mais longa e melhor para a humanidade.

A contraparte sombria, contudo, está latente e pulsante, caracterizada pelo cientista 1 do Instituto Royal, que literalmente gaguejou "(...) é para o benefício da própria po-população (...)" (FANTÁSTICO, 2014). Ato falho que pode estar manifestando o questionamento íntimo do profissional sobre a natureza de sua intervenção junto aos animais.

Como diz Sheldrake, "há uma enorme diferença sobre o que os cientistas pensam em privado e o que eles dizem em público. (...) Eu acho que muitas pessoas têm receio de falar publicamente sobre essas coisas porque têm medo de serem criticados por seus colegas. (SHELDRAKE, 2013). Nesse sentido, o potencial positivo deste aspecto sombrio seria



representado pela imagem arquetípica dos antigos alquimistas, xamãs, curandeiros, magos ou profetas, que contam com outros recursos além do método científico para atingir resultados. Isso porque a pretensa busca da objetividade universalista fez com que os cientistas repudiassem para o domínio da sombra aspectos ligados à espiritualidade, às artes, à filosofia, às emoções. Jung diz que "Uma certa crítica e um certo ceticismo nem sempre são indícios de inteligência; muitas vezes são justamente o contrário, em especial quando nos valem do ceticismo para encobrir a falta de uma cosmovisão" (JUNG, 2012, OC 8/2, §697).

Jung também sugere que "Muitas vezes o que falta é mais coragem moral do que propriamente inteligência, pois não podemos ver o mundo sem nos ver a nós próprios, e da mesma maneira como o indivíduo vê o mundo, assim também se vê a si próprio (...) (JUNG, 2012, OC 8/2, §697). E é preciso coragem para integrar a sombra com o ego. Por que essa integração pressupõe ao indivíduo assumir que é imperfeito, dolorosamente imperfeito.

Referências

- ANTONIOLLI, Luciana. **Desenvolvimento da personalidade, a alma infantil e a educação**: curso de psicologia junguiana, 31 ago 2013. Notas de Aula.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAMPBELL, Joseph; FLOWERS, Betty Sue; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed., rev. ampl. atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FANTÁSTICO. **Ativistas em defesa dos animais invadem laboratório em São Roque** (apresentação de Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt). Exibido em 20 out 2013. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/fantastico/v/ativistas-em-defesa-dos-animais-invadem-laboratorio-em-sao-roque/2901182>>. Acesso em: 23 jan 2014.
- GARBER, Daniel. *Physics and Foundations*. In: PORTER, Roy; PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (ed.). **The Cambridge History of Science: Early Modern Science**. v. 3. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2006.
- GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.
- HOPCKE, Robert H.. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 219 p. Tradução de: Edgard Orth e Reinaldo Orth.
- JUNG, Carl Gustav et al. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 446 p. Tradução de: Maria Lúcia Pinho.
- _____. **A natureza da psique**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 414 p. (OC 8/2).
- _____. **Civilização em transição**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. 269 p. (OC 10/3).
- _____. **Estudos alquímicos**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. 455 p. (OC 13).
- _____. **O símbolo da transformação na missa**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. 135 p. (OC 11/3).



- LATOURE, Bruno. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.
- MAGALDI, Simone. **Fundamentos da teoria junguiana:** curso de psicologia junguiana, 27 abr 2013. Notas de Aula.
- MAGALDI, Waldemar. **Sombra:** curso de psicologia junguiana, 27 jul 2013a. Notas de Aula.
- _____. **Tipos psicológicos:** curso de psicologia junguiana, 25 out 2013b. Notas de Aula.
- MARTINEZ, Monica. A imagem do cientista nas pesquisas em comunicação: estudo de caso dos artigos submetidos à Intercom no período de 1977 a 2014). **Rizoma**. 2015. Santa Cruz do Sul: Unisc, no prelo.
- _____. **Jornada do herói:** estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/fapesp, 2008. 282 p.
- MARTINEZ, Monica ; PESSONI, Arquimedes . O uso da análise de conteúdo na Intercom: pesquisas feitas com o método (1996 a 2012). In: Thaís de Mendonça Jorge. (Org.). **Notícia em fragmentos:** o desafio de aplicar a análise de conteúdo ao jornalismo digital. 1ed.Brasília: UnB, 2014, v. 1, p. 1-15.
- MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva; RAMALHO, Marina; CALDAS, Cristina; MASSARANI, Luisa.Ciência e Tecnologia em um programa de infotainment: uma análise de conteúdo da cobertura do Fantástico. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** [online]. 2013, vol.36, n.1, pp. 127-147 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000100007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1809-5844. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000100007>. Acesso em: 23 jan 2014.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. **O método**. 3 ed. Mem Martins (Portugal): Europa-América, 1997. 3 v.
- O JARDINEIRO FIEL. (Fernando Meirelles). Estados Unidos: Universal Pictures do Brasil, 2005. 2h9min.
- SHAPIN, Steven. *The Man of Science*. In: PORTER, Roy; PARK, Katharine; DASTON, Lorraine (ed.). **The Cambridge History of Science: Early Modern Science**. v. 3. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2006.
- SHELDRAKE, Rupert. Por uma ciência livre de dogmas. **Revista Tríade, Comunicação e Cultura**. Sorocaba, v. 1, n. 2, ago./dez. 2014. Entrevista concedida a Monica Martinez. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=triade&page=article&op=view&path%5B%5D=1771&path%5B%5D=1682>>. Acesso em: 27 mar 2015.
- _____. **The science delusion**. London, Coronet, 2012.
- STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. **Frankenstein**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- WHALEY, Leigh Ann. **Women's history as scientists:** a guide to the debates. California: ABC-Clío, 2003.
- ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. Introdução: o lado da sombra na vida cotidiana. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Org.). **Ao encontro da sombra:** o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 15-24.